

**Ideologização da memória socioambiental: a política do esquecimento nas tragédias ecológicas**

Thiago Souza Silva  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: thiago\_uesb@yahoo.com.br

Edson Silva de Farias  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: edsonfarias@unb.br

1208

**Palavras-chave:** Esquecimento. Tragédia Ecológica. Memória manipulada

## INTRODUÇÃO

O esquecimento institucionalizado pelas instâncias políticas está intimamente atrelado à ideologização da memória, uma vez que determinadas ocorrências e narrativas são seletivamente recordadas, deturpadas ou extirpadas de acordo com o crivo de interesses preponderantes. Na conjectura das catástrofes ecológicas, a evocada manipulação narrativa suscita alarmantes inquietações, haja vista que a obliteração desses acontecimentos não somente obscurece a verdade histórica como obsta o planejamento soluções viáveis para enfrentamento dos dilemas socioambientais.

A distorção dos conseqüências socioambientais provenientes dos desastres ecológicos é um vigoroso recurso empregado pela esfera política para cumprir o desiderato de minimizar a consciência pública relativa à severidade desses eventos. Assim, ao investir na desinformação e no vilipêndio das repercussões negativas da degradação ambiental, os governos e os segmentos econômicos se isentam de suas responsabilidades e postergam a adoção de providências salutares para a integridade socioambiental.

Destarte, as ponderações inventariadas cancelam a tese que as tragédias ecossistêmicas não são somente fenômenos biofísicos, mas são produtos das manobras sociais regidas por híbridos fatores, tais como: poder, política, economia e cultura.

**Realização:**



**Apoio:**



## 2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 2. O esquecimento como dispositivo político hegemônico

Para respaldar as incursões analíticas propostas no diálogo em tela recorreu-se à categoria teórica de memória manipulada, germinada pelo pensamento teórico de Paul Ricoeur (2007), que traduz um dispositivo de viés político, devidamente vinculado a um projeto ideológico de reprodução e de manutenção poder exercido por classes sociais hegemônicas, que possui como condão instaurar a distorção deliberada da versão narrativa a ser oficializada como retratação confiável dos acontecimentos.

Para o alcance desse mister, faz-se necessária a mobilização e a ingerência de uma gama de instâncias de influência social, tais como a midiática e econômica, que seletiva e articuladamente definem os eventos que devem ser rememorados e dos que devem ser olvidados. Há, nesse contexto, um trabalho empenhado no extermínio de qualquer narrativa transata que possua potencial para comprometer a credibilidade da versão oficial identidade do grupo prevalecente ou que não esteja em conformidade com a narrativa preponderante (Ricoeur, 2008;1980).

A persuasão e a legitimação discursiva veiculada pela narrativa é endossada pela inteligência do excerto ventilado sequencialmente:

É mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração [...] Contudo, é no nível em que a ideologia opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se vêem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece (Ricoeur, 2007, p. 98 – grifos aditados).

A discussão em curso será direcionada para os pormenores mnemônicos conexos ao catastrófico evento socioambiental processado na Califórnia do século VII até o XX, oportunidade em que os pressupostos até então dissecados serão identificados, ratificando a proficuidade do estudo da memória na compreensão da intrincada dinâmica política frente ao gerenciamento e interpretação da crise ecológica.

#### 2.2.2.1 O terremoto de São Francisco: entre o esquecimento institucionalizado e a narrativa atenuada da tragédia

Realização:



Apoio:



O acontecimento eleito como foco do exame científico em bojo é o terremoto que, em 1906, acometeu a cidade de São Francisco, cidade situada no estado da Califórnia - que integra os Estados Unidos. Os registros visuais do emblemático abalo sísmico, compilados em um dossiê editorial do San Francisco Call, evidenciaram as tensões enfrentadas por este veículo de informação.

O comentado jornal teve que enfrentar a relutância do sistema político hegemônico, que se esforçava para promover uma amnésia social em relação aos impactos da calamidade ecológica. Esse esforço visava invalidar qualquer oposição à identidade de progresso econômico da região e inibir ameaças que pudessem desmotivar os empreendimentos capitalistas que viam na cidade um potencial para prosperidade.

Conforme a análise do excerto a seguir, fica claro que o San Francisco Call enfrentou grandes desafios para manter a memória do desastre viva. A intenção do sistema político era obscurecer as consequências do abalo sísmico, evitando que isso gerasse um desalento nos investidores. Ao confrontar essa política de esquecimento, o jornal buscava assegurar que a verdade sobre os impactos fosse reconhecida, impedindo que a busca pelo progresso econômico silenciasse as vozes que interpelavam as promessas de prosperidade frenética, consoante depreensão extraída da redação do excerto a seguir esposado:

Desde o desastre de 18 de abril, os membros mais ponderados da comunidade têm olhado com desconfiança para a ampla disseminação de vistas fotográficas de São Francisco 'após o terremoto e incêndio', observou um editorial no San Francisco Call. O jornal, de propriedade de John Spreckels, um dos capitalistas mais proeminentes da Califórnia, **objetou a toda essa publicidade. "Estamos ou não danificando a cidade com cada uma dessas imagens que enviamos para fora?"** O editorial continuou: "O mundo inteiro está familiarizado com nossa calamidade, mas é **necessário insistir no assunto depois que tudo acabou? Por que não esquecê-lo o mais rápido possível... Se quisermos assustar as pessoas para longe de nós, este é tão bom quanto qualquer outro método** (Steinberg, 2006, p. 26 – tradução nossa e grifos aditados).

O contexto de vulnerabilidade e de animosidades sociais precisava ser suplantado pelas instâncias supremacistas para esquivarem-se da evasão do capital. Portanto, a estratégia viável para aquele momento era implementar um negacionismo do colapso ambiental, por meio da mitigação e da deturpação das informações (científicas, midiáticas

Realização:



Apoio:



e congêneres) para subverter a credibilidade de qualquer outra narrativa contrária ao pronunciamento oficial disseminado pelos governantes.

À vista disso, convencionou-se pertinente para a concretização deste desígnio deturpar a real causa da calamidade ambiental, ou seja, os tremores geológicos de alta intensidade. A artimanha governamental consistiu em apresentar os incêndios como sendo o agente responsável por esses efeitos deletérios.

Com tais argumentos de menosprezo a gravidade do problema, as autoridades ludibriavam os governados e conseguiam contornar a manifestação dos temores sociais, edificando uma percepção de engajamento na busca pelo controle e pela auspiciosa estabilidade das mazelas do cenário turbulento, conforme depreensão do fragmento a seguir transcrito:

A própria natureza não contemplou nenhum dano sério; simplesmente demonstrou sua força **sacudindo a terra um pouco.**" Newlands acreditava que o terremoto causou apenas 3% da destruição, **embora como ele chegou a esse número não esteja claro.** Atualmente, aceita-se que 20% seja o número correto. **"Terremotos não significam nada",** explicou o senador desafiador do terremoto. **"Um pequeno tremor na crosta terrestre, resultando em uma rachadura aqui e ali de alguns centímetros, não constitui uma fonte real de perigo. O elemento destrutivo aqui foi o fogo."** Por um lado, a classe empresarial estava **escolhendo entre os perigos, ou seja, tomando uma decisão política sobre o que os habitantes de São Francisco deveriam ou não temer** — fogo versus terremoto. E, por outro lado, buscava despolitizar a calamidade, esvaziá-la de significado, **encorajar as pessoas a ESQUECER o desastre na esperança de ocultar o fato de que interpretá-lo como um incêndio equivalia a um ato muito político"** (Steinberg, 2006, p. 33 – tradução nossa e grifos adotados).

Esta citação ancora o debate em curso ao delinear o estímulo ao obstinado esquecimento do desastre ecológico como um capcioso instrumento de controle político que repercute na modulação da percepção social sobre tais impactos, ao esvaziar este evento de significado crítico sobre a magnitude dos conseqüências da calamidade.

## CONCLUSÃO

O diálogo explicitado delineou a operação do esquecimento institucionalizado que se coaduna com manipulação narrativa comandada por forças hegemônicas para fomentar a amnésia social dos desastres ecológicos. Para ilustrar essa realidade trasladou-se para o debate a tragédia ecológica ocorrida em São Francisco, em 1906. Este lugar foi cenário de um terremoto de elevada intensidade, mas as memórias dos seus conseqüências foram conduzidas ao processo amnésico regido pelas manobras políticas.

Realização:



Apoio:



Por intermédio de incisivas investidas, as autoridades governamentais induziram a percepção social a edificar um entendimento deturpado e atenuado da degradação ecológica, pois tencionavam resguardar os interesses econômicos. Logo, a ilação que se impõe diante dessas abordagens é que a resistência contra o esquecimento das catástrofes ecológicas é seminal para que as experiências negativas do passado sirvam de referência e de inspiração para engendrar políticas de prevenção de riscos que priorize a existência biológica e não a subsistência do capital.

## REFERÊNCIAS

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: EdUnicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **O justo 1: a Justiça como regra moral e como instituição**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

RICOEUR. Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

STEINBERG, Ted. **Acts of god: the unnatural history of natural disaster in dmerica**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

Realização:



Apoio:

